

«PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»

28. Colocação do problema humano

por Luigi Giussani*

EXPERIÊNCIA DO HUMANO

Mesmo depois da longa convivência com Jesus, depois do desastre do Calvário e do mistério da Páscoa, os Apóstolos haviam compreendido ainda muito pouco a respeito d'Ele. De fato, perguntaram-Lhe ainda quando estabeleceria o reino de Israel,¹ tal como era concebido por todos, um reino de supremacia terrestre e política; e faltavam poucas horas para a sua subida ao céu!

Se não o tinham compreendido ainda, por que o seguiam? E havia entre eles pessoas que tinham deixado mulher, filhos, casa, barcos e redes, profissão, negócios. Por que o seguiam?

Porque Cristo tinha se tornado seu centro afetivo.

Como isto foi possível?

Cristo era o único em cujas palavras sentiam que toda a sua experiência humana era compreendida, e as suas necessidades eram levadas a sério e trazidas à luz naquilo em que eram desconhecidas e confusas; assim, por exemplo, aqueles mesmos que acreditavam necessitar apenas de pão começavam a compreender que “não só de pão vive o homem”.²

Cristo se lhes apresentava exatamente assim, como *um Outro* que vem, surpreendentemente, ao seu encontro, ajuda-os, explica o seu sofrimento, cura-os mesmo que sejam aleijados ou cegos, faz bem à alma, responde às suas exigências, está inteirado de sua experiência... Mas o que são as suas experiências? As suas experiências, as suas necessidades, as suas exigências são eles mesmos, aqueles homens que estão ali, a sua própria humanidade.

Cristo chega, pois, exatamente aqui, à minha postura de homem, quer dizer, de alguém que espera alguma coisa, porque se sente totalmente carente; colocou-se junto a mim, propôs-se à minha necessidade original.

Para encontrar Cristo, devemos, portanto, antes de mais nada, colocar seriamente o nosso problema humano.

Devemos, primeiramente, abrir-nos a nós mesmos, ou seja, tomar consciência vivamente das nossas experiências, olhar com simpatia o humano que está em nós, devemos levar em consideração o que verdadeiramente somos. Considerar quer dizer levar a sério tudo o que experimentamos, *tudo*, colher *todos* os aspectos, buscar *todo* o seu significado.

É preciso prestar muita atenção, porque muito facilmente não partimos da nossa experiência verdadeira, isto é, da experiência completa e genuína. De fato, muitas vezes identificamos a experiência com impressões parciais, reduzindo-a, assim, numa mutilação, como frequentemente acontece no campo afetivo, no namoro ou nos sonhos com o futuro.

E mais frequentemente ainda confundimos a experiência com preconceitos ou es-»

¹ Cf. At 1,6.

² Mt 4,4; Lc 4,4.

* “Passos de experiência cristã”, in *O caminho para a verdade é uma experiência*, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, pp. 103-111.

» quemas, talvez inconscientemente assimilados do ambiente. Por isso, em vez de nos abriremos naquela atitude de espera, de atenção sincera, de dependência, que a experiência sugere e exige profundamente, impomos à experiência categorias e explicações que a bloqueiam e angustiam, presumindo resolvê-la. O mito do “progresso científico que um dia irá resolver todas as nossas necessidades” é a fórmula moderna dessa presunção, uma presunção selvagem e repugnante: não considera nem mesmo as nossas necessidades verdadeiras, tampouco sabe o que são; recusa-se a observar a experiência com olhos abertos, e a aceitar o humano em tudo quanto ele exige. Por isso, a civilização de hoje faz com que nos movamos cegamente entre essa exasperada presunção e o mais tenebroso desespero.

SOLIDÃO

Uma sugestão importantíssima nos vem da situação dos Apóstolos narrada nos versículos 9-11 do primeiro capítulo dos *Atos*. Cristo se foi e eles continuam ali, parados, boquiabertos – a sua esperança foi-se embora –, desce sobre eles a solidão, como sobre a terra a escuridão e o frio logo que o sol se põe. Quanto mais descobrimos nossas exigências, tanto mais tomamos consciência de que não podemos satisfazê-las por nós mesmos, nem o podem os outros, homens como nós. O sentimento de *impotência* acompanha cada experiência séria de humanidade.

É este sentimento de impotência que gera a *solidão*. A solidão verdadeira não provém do fato de se estar fisicamente só, mas sim da descoberta de que um problema fundamental nosso não pode encontrar resposta em nós ou nos outros.

Pode-se perfeitamente dizer que o sentimento da solidão nasce exatamente no coração de cada empenho sério com a própria humanidade. Pode entender bem isso quem acredite ter encontrado a solução de uma grave necessidade sua em alguma coisa ou alguém: e isto desaparece, escapa-lhe, ou se revela incapaz. Estamos sozinhos com as nossas necessidades, com a nossa necessidade de ser e de viver intensamente. Como uma pessoa sozinha no deserto: a única coisa que pode fazer é esperar que venha alguém. E não será certamente o homem a trazer a solução; pois o que tem que ser resolvido são justamente as necessidades do homem.

COMUNIDADE

Os Apóstolos voltaram do lugar de onde Cristo tinha subido ao céu, e permaneceram juntos.³

Alguém que descubra verdadeiramente e viva a experiência da impotência e da solidão, não está só. Ou melhor, somente quem tem a experiência da profunda impotência humana, e portanto da solidão pessoal, sente-se perto dos outros e se achega facilmente a eles, como pessoa perdida e sem abrigo numa tempestade, e sente o seu grito como grito de todos, e a sua ansia e a sua espera como ansia e espera de todos.

Somente quem possui a verdadeira experiência da impotência e da solidão está com os outros sem cálculos e sem prepotência e, ao mesmo tempo, sem passividade, sem se deixar arregimentar, sem se submeter a tornar-se escravo da sociedade.

Um homem pode dizer-se empenhado seriamente com as suas experiências humanas somente quando se sente esta comunidade com os homens, comunidade sem limites e sem restrições, comunidade com cada um e com todos, porque vive o empenho com o que de mais profundo há em nós e, portanto, com o que há de comum em todos.

Um homem é verdadeiramente empenhado com as suas experiências humanas quando, dizendo “eu”, vive-o tão simples e profundamente a ponto de senti-lo fraternalmente solidário com o “eu” de todos os outros homens. »

³ Cf. At 1,12-14.

» Seja como for, a resposta de Deus alcançará somente o homem assim empenhado.

É preciso desde logo notar que essa solidariedade com toda a humanidade vive de fato quando se realiza num ambiente determinado. Também nos *Atos dos Apóstolos*⁴ a comunidade dos Apóstolos surge numa situação bem determinada (ou *ambiente*). Lugares e pessoas não foram eles que os escolheram; encontraram-se naquele meio quase que por acaso, e toda a sua vida dependerá dele.⁵

É assim que a nossa humanidade pessoal surge, toma forma e se alimenta num *ambiente* bem preciso: encontramos-nos dentro, não o escolhemos nós.

A atenção para compreender todo o ambiente, a oferta do nosso senso de comunidade a todas as pessoas do ambiente mede a abertura do nosso empenho humano, coincide com a sinceridade do nosso empenho com toda a humanidade. Não compete a nós excluir alguém da experiência da nossa vida humana; a escolha cabe somente a Deus, que a realiza através da situação na qual nos coloca. De outro modo, seria um ato subjetivo nosso, o abuso de um esquema preconcebido por nós.

AUTORIDADE

Pedro, o tipo mais representativo da comunidade, levanta-se e fala. E é seguido.⁶

No ambiente em que vivemos existem, de fato, pessoas que têm uma sensibilidade maior a uma experiência de humanidade, que desenvolvem, *de fato*, uma compreensão maior do ambiente e das pessoas, que provocam, *de fato*, mais facilmente um movimento de comunidade. Elas vivem a nossa experiência mais intensamente, com maior empenho; cada um de nós se sente melhor representado nelas, com elas nos sentimos muito mais à vontade, lado a lado com os outros, em comunidade.

Reconhecer esse fenômeno é lealdade para consigo mesmo e para com a própria humanidade: é um dever de sabedoria.

Porém, o encontro com alguém que sente e compreende mais a minha experiência, o meu sofrimento, a minha necessidade e a minha espera leva-me naturalmente a *segui-lo*, a tornar-me seu *discípulo* por aquela humanidade que, ao nos descobrirmos impotentes e sós, nos impele a nos reunirmos.

Neste sentido, tais pessoas constituem naturalmente para nós uma *autoridade*, mesmo que não sejam investidas de direitos ou títulos. Torna-se naturalmente autoridade, em primeiro lugar, quem mais lealmente compreende ou vive a experiência humana.

A autoridade surge, pois, como riqueza de experiência que se impõe aos outros, gera novidade, maravilhamento, respeito. Possui uma atração inevitável. Possui uma enérgica capacidade de sugestão. Não valorizar a presença dessa *autoridade de fato*, com a qual o Ser semeia cada ambiente, é mesquinhez agarrada às próprias medidas. Assim se referiam os judeus a Cristo: “Este sim tem autoridade”, e abandonavam os esquemas dos fariseus, e O seguiam.

O encontro com essa autoridade natural educa a nossa sensibilidade e a nossa consciência, faz-nos descobrir melhor do que somos feitos e a que aspiramos do fundo da nossa presente indignância.

ORAÇÃO

O versículo 14 do primeiro capítulo dos *Atos* nos mostra a comunidade dos Apóstolos à espera do que Cristo lhes tinha prometido, toda “assídua na oração”.

O homem que descobre a sua impotência somente vive a comunidade e sente a “convivência” com os outros *pressentindo algo para além* da situação, e capaz de resolvê-la. »

⁴ Cf. At 1,13

⁵ Cf. At 1,21-26.

⁶ Cf. At 1,15-22.

» A comunidade acontece só onde há um *esperar juntos* (também o homem e a mulher que verdadeiramente se querem bem possuem esse pressentimento inextirpável, caso contrário, não estão juntos seriamente).

As nossas experiências, levadas realmente a sério, são um sofrimento, um descobrir-se cheios de necessidades, de problemas não resolvidos, de dor, de ignorância; levadas realmente a sério, elas exigem inexoravelmente algo “de outro”, algo “além”: ou seja, elas têm uma autêntica dimensão religiosa.

As nossas experiências, levadas a sério, são uma autêntica *profecia* (espera, esperança...) do que ainda não se possui.

O *sentido* de todas as nossas experiências, eis o que ainda não temos. E o esperamos, talvez inconscientemente.

Se esta espera é realmente consciente – consciente da inexorável incapacidade humana e da inexorável sugestão da natureza – então forçosamente ela se torna *oração*, oração ao “Outro” misterioso que poderá me ajudar e resolver; oração àquele Deus que... Ele suscita o pedido, Ele dará a resposta.

A oração é, portanto, um simples pedido, o ato mais simples para todos e o mais sentido por todos, o ato mais fundamental da consciência humana, o ato mais concreto que possa existir.

Reza aquele que é mais realista: aquele que considera mais seriamente a sua experiência humana.

E é *pedido feito juntos, em comum*. A descoberta da impotência de ser feliz constitui a descoberta do que mais temos em comum com todos os outros: esta impotência é de fato o que de mais humano existe em cada um.

Portanto, também a atitude de esperar aquele “outro” para que nos ajude, é de todos juntos, é comunitária por sua natureza, a tal ponto que ninguém pode tê-la verdadeiramente sem sentir-se “um só coração”⁷ com todos.

Lembramos que é possível enviar perguntas e testemunhos no site <http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>

⁷ At 4,32.